

08/09/2020 15:43:09 - EMPRESAS E SETORES

ESPECIAL: COMUNICAÇÃO EFICIENTE DE INDICADORES ESG AINDA É DESAFIO GLOBAL

Por Mariana Durão

Rio, 08/09/2020 - A importância crescente dos indicadores ambientais, sociais e de governança (ESG, na sigla em inglês) nas decisões de investidores coloca em xeque a consistência das informações prestadas por companhias, gestoras de fundos e de recursos. O mercado está inundado de relatórios de sustentabilidade, mas a pergunta é: elas são comparáveis e permitem uma avaliação de riscos segura?

Especialistas ouvidos pelo **Broadcast** apontam que alcançar padrões alinhados, metodologias e definições comuns de atividades sustentáveis ainda é um desafio global. Na prática, o investidor não precisa de mais informação, mas de uma informação melhor.

A emblemática carta com foco em questões climáticas do CEO da BlackRock - maior gestora do mundo com US\$ 7,2 trilhões sob gestão -, Larry Fink, foi um forte alerta de que a questão do disclosure está longe de ser equacionada. No documento, divulgado em janeiro, ele pede informações padronizadas e transparência das empresas não só em questões ambientais como relativas ao tratamento da força de trabalho e à proteção de dados.

Fink prega a adoção das diretrizes do Sustainability Accounting Standards Board (SASB), organização que fornece padrões para relatar informações de sustentabilidade com maior potencial para afetar a performance financeira de uma companhia. Para avaliar e relatar riscos relacionados ao clima e questões de governança essenciais para gerenciá-los, menciona as recomendações da Força Tarefa Sobre Divulgações Financeiras Relacionadas ao Clima (TCFD).

A SASB e a TCFD são duas das várias iniciativas globais relacionadas a padronização e estruturação de informações ESG. A mais antiga e seguida nos relatórios de sustentabilidade é o Global Reporting Initiative (GRI), que busca mensurar impactos econômicos, ambientais e sociais de uma companhia. Recentemente, SASB e GRI anunciaram um plano para alinhar os dois padrões. Dentre as mais conhecidas, há ainda o modelo do Relato Integrado, do International Integrated Reporting Council (IIRC).

A sopa de letrinhas dá uma ideia da complexidade do tema. A Organização Internacional das Comissões de Valores (Iosco) - que reúne reguladores do mercado de capitais - mapeou mais de 50 iniciativas de entidades independentes. Numa pesquisa com 130 participantes de mercado - entre gestoras, auditorias e emissores -, 65% mencionaram a necessidade de uma convergência de padrões. Alguns afirmaram que gostariam de ver isso definido na esfera regulatória, o que não é consenso.

"A Iosco levantou junto aos reguladores e stakeholders questões a resolver. Uma delas é a multiplicidade de padrões de divulgação de fatores ESG. A análise é que isso pode afetar a credibilidade do mercado e dificultar a comparabilidade", diz José Alexandre Vasco, superintendente de Proteção e Orientação a Investidores da Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Segundo Vasco, preocupa os reguladores que a profusão de padrões, aliada à falta de uma definição comum de atividades sustentáveis, possa elevar o risco de greenwashing - prática de investimentos em ações socioambientais com fins reputacionais, sem compromisso com impactos mensuráveis.

À frente da recém criada área de "Sustainable Wealth" - gestão de patrimônio integrada a temas ESG - na XP, Marina Cançado, destaca que a padronização é delicada por adicionar às informações financeiras um conjunto de temas complexos, como questões sociais. "Não vai ser um caminho curto, nem simples. Isto posto, é preciso dar transparência ao que está sendo considerado pelo gestor/companhia: metodologia,

07/Jan/2021 13:23

abordagem, peso", explica ela, que é também conselheira do GRI.

Mercado de trilhões

Os números atestam que ignorar as demandas do público investidor "sustentável" não é uma opção. A BlackRock, que vocalizou a questão, é só uma das 3.038 instituições signatárias do programa Princípios para o Investimento Responsável (PRI). Juntas, elas têm US\$ 103,4 trilhões em ativos sob gestão, contra US\$ 6,5 trilhões quando foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2006.

A tendência é que o volume só cresça, após a pandemia da covid-19 provar que questões não financeiras podem afetar drasticamente balanços corporativos. Gestoras e investidores institucionais devem apertar mais o cerco por informações e métricas confiáveis, graças à pressão de clientes ávidos por incorporar ativos realmente sustentáveis em suas carteiras.

Uma pesquisa da KPMG aponta que 85% das 100 maiores empresas brasileiras de capital aberto divulgam dados ambientais, sociais e de governança. Para o sócio da área ESG da consultoria, Ricardo Zibas, de maneira geral, as companhias locais comunicam de forma eficiente essas questões, mas ainda é possível subir a régua. Ele dá como exemplo o descompasso no timing da divulgação de dados financeiros e de sustentabilidade, que dificulta o aproveitamento dos dados ESG pelos analistas.

"Vemos uma evolução, com busca de aprimoramento pelas companhias e análise de outros (padrões de) relatórios", diz a superintendente de Sustentabilidade da B3, Gleice Donini.

As respostas do questionário feito às 30 companhias que compõem a carteira do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), entretanto, revelam que mesmo esse grupo seletivo pode melhorar. Apenas metade (52%) produz relatórios com integração entre dados econômicos e ESG. Quase todas (98%) publicaram Relatório de Sustentabilidade em 2018, mas somente 81% traziam parecer de auditor independente. O padrão GRI é adotado por 98% das companhias do ISE.

Integrante do ISE, a EDP publica relatório de sustentabilidade há 15 anos, adotando o padrão GRI desde 2006. Com o passar do tempo, integrou os princípios do IIRC e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Para Marília Nogueira, gestora de Relações com Investidores da EDP Brasil, a carta da BlackRock foi um marco por colocar as alterações climáticas como fator decisivo para as empresas no longo prazo.

"Nesse sentido, o uso de diretrizes como o SASB é fundamental, pois permite análises comparativas em relação aos aspectos e indicadores ESG. A padronização e a transparência são cada vez mais exigidos pelo mercado", diz Nogueira.

Contato: mariana.durao@estadao.com